

FRANCISCO FERNANDES LOPES

BREVE MEMÓRIA
SOBRE A VIDA E A ARTE
DE
HENRIQUE POUSÃO



ousão, Henrique

SEARA NOVA

Lisboa, 1946

20400

C. M. B.
BIBLIOTECA

C. M. B.
BIBLIOTECA

BREVE MEMÓRIA SOBRE A VIDA E A ARTE DE HENRIQUE POUSÃO

DO AUTOR:

- Drogas e Farmacopeia** (tese inaugural de Medicina), Lisboa, 1916.
- Sobre o Poeta João Lúcio** (conferência), Faro, 1921.
- Les Concerts Historiques du «Renascimento Musical»** (in *La Revue Musicale*, Novembre 1924), Paris.
- La Vie Musicale à Lisbonne** (in *La Revue Musicale*, Mai 1925 e Février 1926), Paris.
- Les Deux Dernières Saisons Musicales** (in *La Revue Musicale*, Novembre 1927), Paris.
- Música Latina e Música Portuguesa** (in *De Música*, n.º 3), Lisboa, 1930.
- Escalas Diatónicas** (in *De Música*, n.º 4), Lisboa, 1931.
- Concerto Austríaco** (in *Divulgação Musical*, de Ema Fonseca, vol. II), Lisboa, 1934.
- Revisão Colombina** (série de 14 artigos, in *O Diabo*), Lisboa, 1935 a 1937.
- Música de Câmara de Florent Schmitt** (in *Divulgação Musical*, vol. III), Lisboa, 1936.
- Cristóforo Colombo e Cristóbal Colón** (in *Seara Nova*, n.º 468), Lisboa, 1936.
- Cristóbal Colón** (in *Seara Nova*, n.º 473), Lisboa, 1936.
- Do «Maravilhoso Pagão» em Gil Vicente** (in *Seara Nova*, n.º 494), Lisboa, 1937.
- Nova Chave para o «Verso Enigma» de Gil Vicente** (in *Seara Nova*, n.º 517), Lisboa, 1937.
- Quatro Ilhas dos Açores: S. Luís, S. Dinis, S. Tomás, Santa Iria** (in *Petrus Nonius*, vol. I, fasc. 3), Lisboa, 1937.
- Duarte Pacheco e o Oceano Pacífico** in *Petrus Nonius*, vol. II, fasc. 1), Lisboa, 1938.
- Em Favor do Plano Henriquino das Índias** (breve nota preliminar, ao 1.º Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo), Lisboa, 1938.
- Nova História do Primeiro Descobrimento Colombino** (série de 7 artigos, in *Seara Nova*, n.ºs 542 a 576), Lisboa, 1938.
- A Melodia Francesa Contemporânea: Migot, Durey, Ravel** (in *Divulgação Musical*, vol. IV), Lisboa, 1938.
- Diário da 1.ª Viagem de Cristóvão Colombo** [tradução] (in *República*, de 3-VIII-1938 a 14-III-1939), Lisboa.
- Colaboração Portuguesa no Descobrimento da América Não-Brasileira** (in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol. II), Lisboa, 1939.
- A Música nos Autos de Gil Vicente** (in *Divulgação Musical*, vol. V), Lisboa, 1940.
- Colombo** [Bartolomeu, Cristóvão, Diogo, Fernando, Giacomo] (in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. VII), Lisboa, 1941.
- O Algarve e o Infante D. Henrique** (in *Boletim da Junta de Província do Algarve*, número comemorativo dos Centenários), Lisboa, 1943.
- Do Germanismo em Antero** (in *Atlântico*, n.º 4), Lisboa, 1943.
- Fado** [história musical] (in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. X), Lisboa, 1944.
- Novo Sistema de Transliteração Árabe-Latina** (comunicação ao Congresso Luso-Espanhol do Porto, 1942), Porto, 1945.
- A Música das Cantigas de Santa Maria e o Problema da sua Decifração** [comunicação ao Congresso Luso-Espanhol de Córdoba, 1944] (in *Brotéria*, Janeiro, 1945), Lisboa.
- D. Henrique** [Infante] (in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XIII), Lisboa, 1945.
- Terçanabal e a «Escola de Sagres»** (comunicação ao Congresso Luso-Espanhol de Córdoba, 1944), Lisboa, 1945.
- Quer saber o dia-da-semana de qualquer data?** Olhão, 1946.



Retrato de Henrique Pousão,
feito em Paris, 1881, pelo seu
amigo *Rodolfo Amoedo*,
pintor brasileiro

(desenho a lápis Faber 0,206×0,110)

FRANCISCO FERNANDES LOPES

BREVE MEMÓRIA
SOBRE A VIDA E A ARTE
DE
HENRIQUE POUSÃO

Comunicação apresentada ao Congresso Luso-
-Espanhol para o Progresso das Ciências,
em Córdova, a 9 de Outubro de 1944.



SEARA NOVA
Lisboa, 1946

Não quero deixar passar a preciosa oportunidade que me oferece este preclaro Congresso sem chamar a atenção de quantos a desconheçam para a obra de Henrique Pousão, grande pintor da nossa Península, um dos maiores pintores de Portugal.

A sua curta vida (1859-1884) — 25 anos, não mais! — minada pela tuberculose, desabrochou todavia numa obra das mais abundantes e das mais maravilhosas. E a essência da sua arte, que culmina na flor do seu último lustro, demonstra-o, na justa denominação de um eminente conhecedor francês, maravilhado diante dos seus quadros, como *le roi des Impressionistes*.

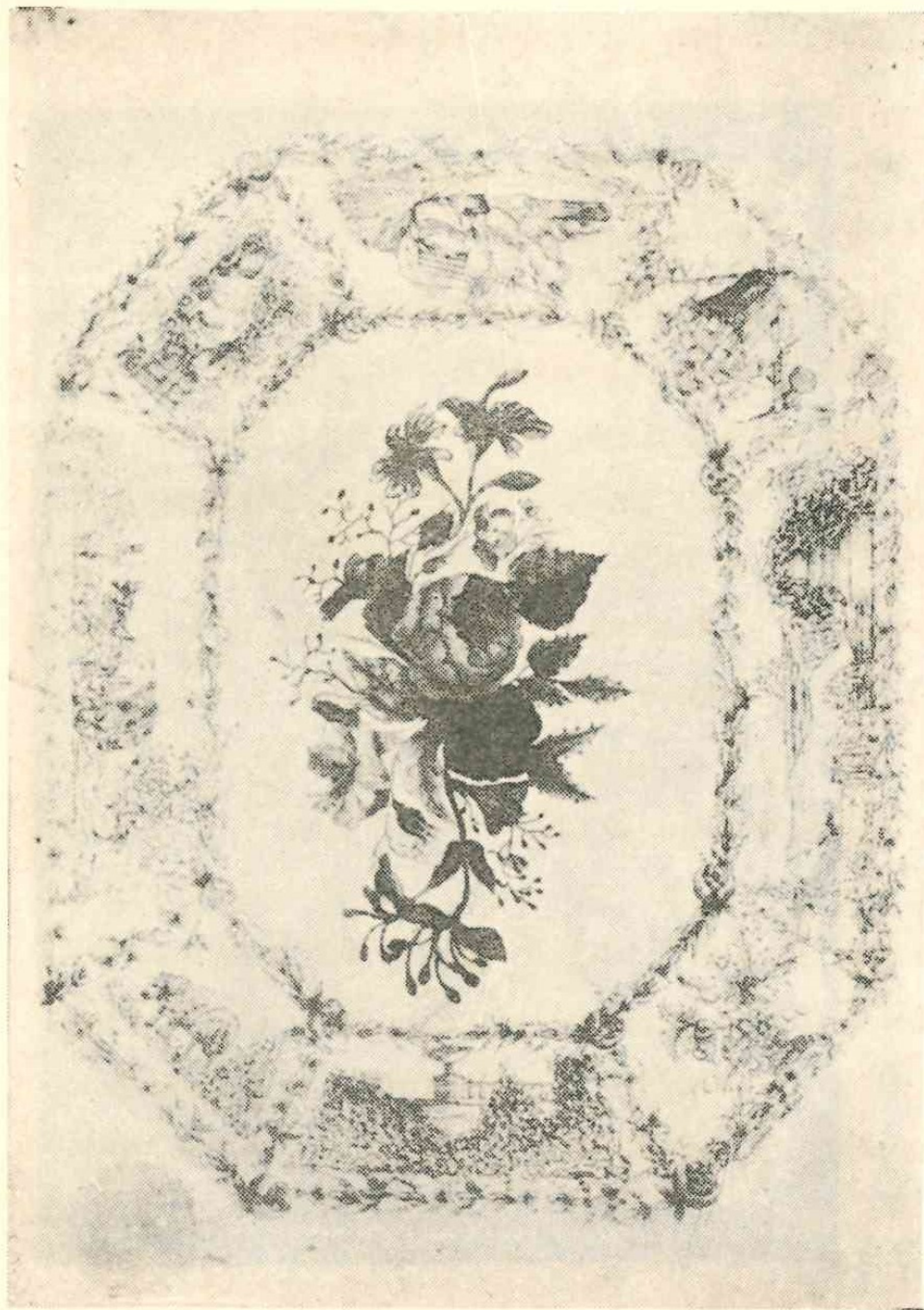
Serei eu, por certo, o menos qualificado para falar da sua arte, e com a agravante de parecer que o faria... *pro domo mea*. Perdoi-se-me, em todo o caso, o interesse que me merecem a sua personalidade e a sua obra: Henrique Pousão

era tio de minha mulher, por ser irmão de minha sogra — o seu irmão querido, que com ela fazia mesmo — jogo do destino — um *pendant* curioso, o do alfa com o ómega precisamente: Henrique nascido a 1 de Janeiro, e sua irmã Maria do Carmo a 31 de Dezembro do mesmo ano! E nestas fontes domésticas me inspiro...

Penso assim, sempre, o que poderia ter sido o rico manancial de produção de tão grande artista se, como sua irmã (falecida em minha casa em 31 de Maio do ano passado) tivesse conseguido chegar até aos nossos dias. Cinquenta anos de perda! Henrique Pousão teria sido, sem dúvida, — tudo o prenunciava claríssimamente — o maior pintor da minha Pátria e um dos mais excelsos da galeria formidável da nossa Península.

Henrique Pousão nasce em Vila Viçosa, ali no Alentejo. Alentejano de cepa, na sua ascendência outras províncias de Portugal se cruzariam porventura: pelo menos o Minho e talvez que também o Algarve...

Seu pai, bacharel em Direito e poeta ultra-romântico, administrador do concelho na sua natal Vila Viçosa ao tempo, magistrado errante em seguida, pressentira o génio de seu filho desde que, aos sete anos e pico, as meninas suas irmãs



O primeiro desenho conhecido de Henrique Pousão
assinado e datado de Elvas — 18-1-1867

(em cartão branco 0,258×0,168)



O segundo desenho conhecido de Henrique Pousão, a lápis
Faber, assinado e datado de Elvas, 7 de Dezembro de 1867
(em papel 0,220x0,175)



o surpreendem, uma noite, a desenhar a paisagem do globo do candeeiro que estava sobre a mesa, ao serão da família... Perdeu-se tal desenho que o pai trouxera consigo como uma mensagem divina que surpreendia também os amigos cultos a quem o mostrava. E logo, por conselho de um deles, vai o menino a frequentar a escola de desenho que havia em Elvas, onde o caso se passava e por onde o pai começara a carreira como delegado do ministério público.

Conservou-se porém — ofereceu-mo minha sogra — um outro desenho que reproduzo aqui: assinado e datado de *Elvas 18-1-1867* — o seu primeiro trabalho conhecido. Incrível, dir-se-ia, ainda que copiado, para uma criança de oito anos. Além dos dois tons da tinta negra, para marcar os dois planos da paisagem minuciosíssima na cercadura oitavada, há a harmonia das cores na aguarela do raminho central. E, do mesmo ano, eis também outro desenho, a lápis este, firme e curiosíssimo: a translucidez do corpo do caracol é uma *trouvaille* maravilhosa. (Sabe-se a data que o desenho tinha: 7 de Dezembro, rasgado hoje o papel na margem inferior, onde ainda se lê nitidamente o começo de: *Elvas* e o final do mês, e se encontra, no outro extremo, a assinatura, intacta).

O aluno de Elvas temo-lo aqui em fotografia... Vários desenhos possuo, trabalhos escolares, em grandes folhas de cartão, ou em folhas de papel de carta, a lápis finíssimo ou a tinta preta, cópias talvez todos, porém todos curiosos pela firmeza de mão, pela microscópica minúcia, pela intuição evidente, de desenhador-nato — «estava sempre a desenhar», contava-me minha sogra, e senhoras idosas da família contaram-me também que o incitavam a desenhar isto ou aquilo, um gato, uma jarra, qualquer tipo curioso, tarefas de que ele se desempenhava sempre com gosto, criança dócil e animada... A quando da inauguração do singelo mas artístico monumento que Vila Viçosa ostenta, desde há dois anos, a meio da sua avenida principal, trouxe-me o meu colega Dr. Jardim (filho do médico de igual nome que assistira a Pousão nos seus últimos dias) um desenho, legado pela retratada: uma prima-irmã de Henrique, que o meu colega tratara na sua velhice. Conservara ela, como uma relíquia, o retrato dos seus floridos vinte anos justos no qual fixara para a eternidade a sua frescura e o seu sonho, Henrique, seu primo, enamorado dela nos seus dez anos infantis!... Desenho a *crayon* e a giz, a fimbria da camisa alvíssima sobre o peito e a sombra na ondulação dos cabelos, ressaltam no porte



Henrique Pousão, quando aluno da escola
de desenho em Elvas



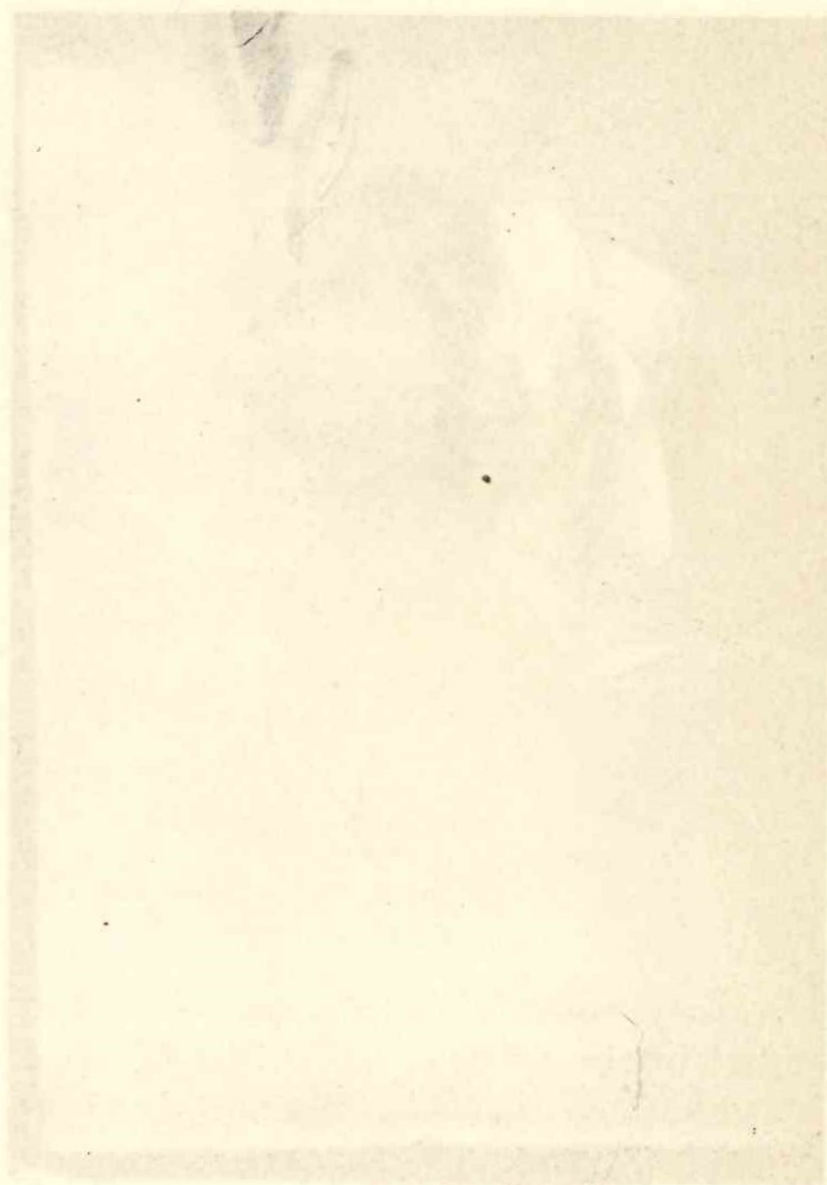
Monumento a Henrique Pousão
em Vila Viçosa

(inaugurado em 20 de Março
de 1943)

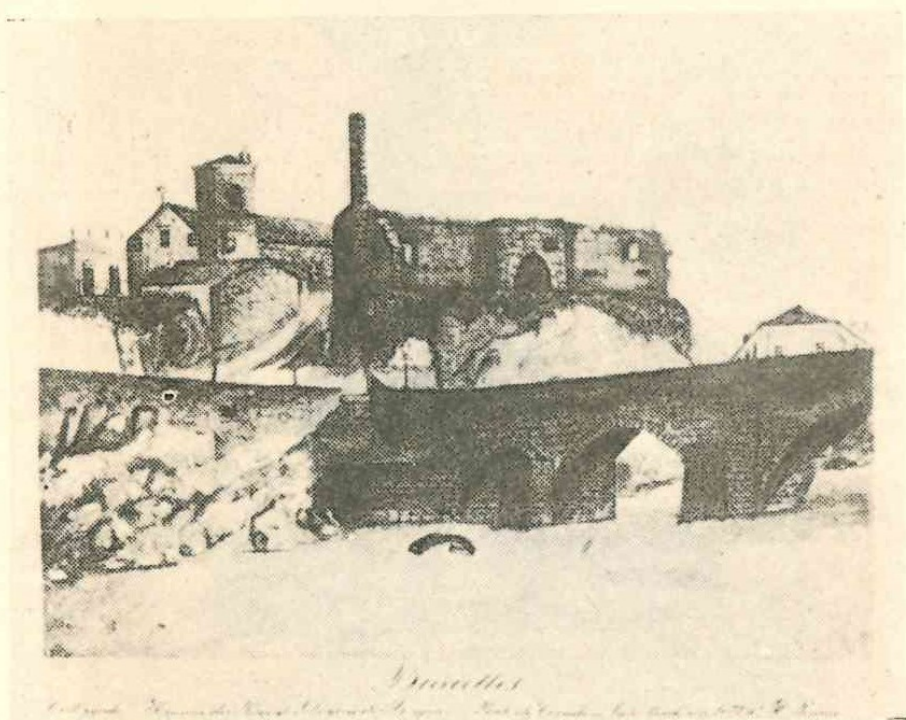


Retrato da prima Adelaide, a *crayon* e giz,
assinado e datado de 19-5-1869

(em cartão 0,285 × 0,212)



Retrato da prima esposa de
Sebastião e filha de
Sebastião e filha de



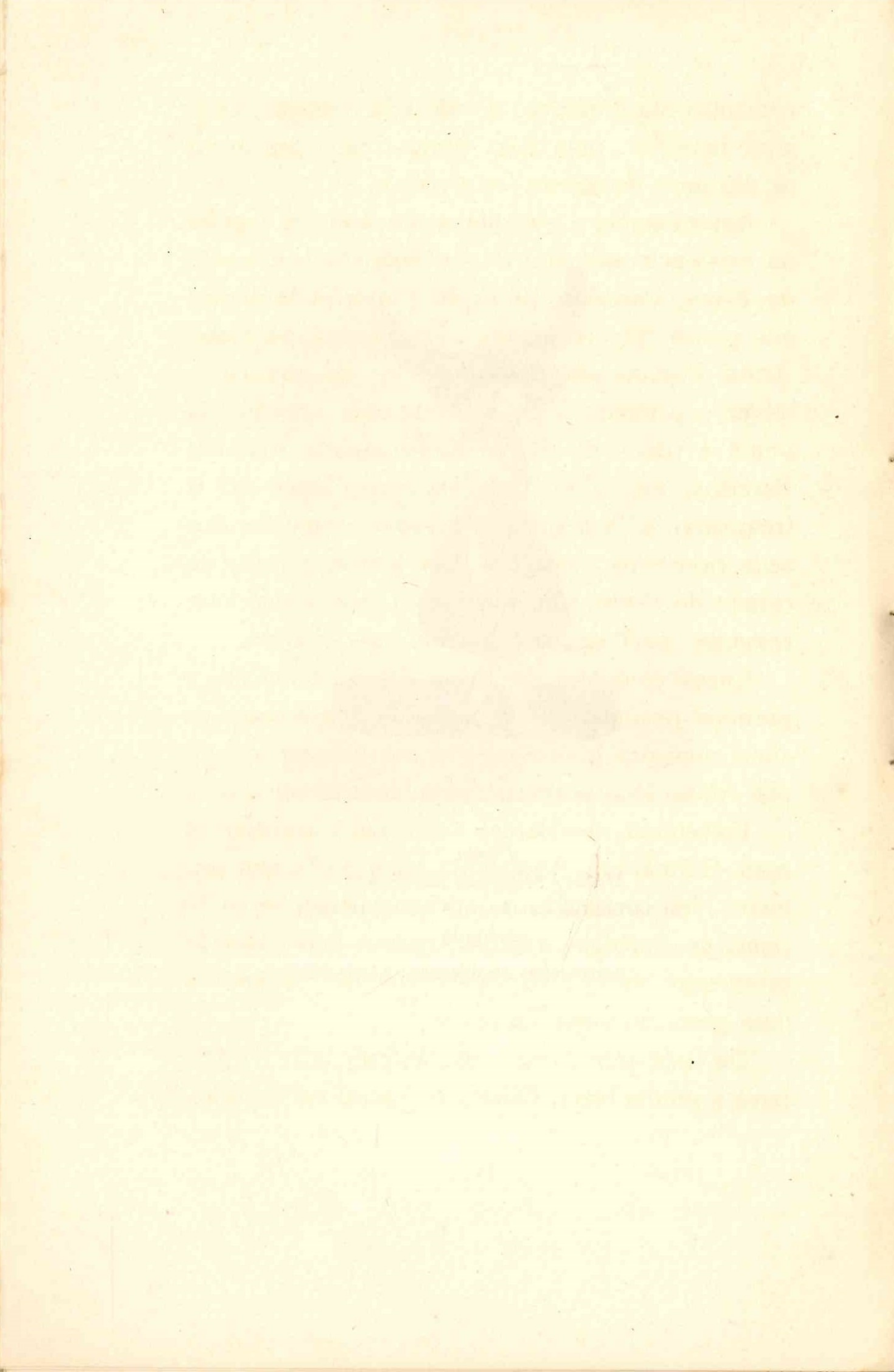
Barcelos: Colegiada — Ruínas dos Paços
dos Duques de Bragança — Ponte do Cávado
Vista tirada em 1872, por Henrique Pousão

(aguarela 0,252 \times 0,186)



Porto
Mulher vendendo sardinhas
aguarela em cartão, of.^a em 23-10-1872,
assinada

(dimensões do desenho: 0,155×0,095)



romântico da donairoza e enlevada donzela. Ei-lo aqui também; pela data precisa se comprovam os dez anos do artista (19-5-1869).

Naturalmente Henrique acompanha a família na existência saltuária do pai magistrado: depois de Elvas, Barcelos, perto do Porto, onde dentro em pouco irá frequentar a Academia de Belas Artes. Possui um desenho seu, panorâmico — talvez o primeiro — do natural: uma aguarela da ponte e paços do duque de Bragança, feito em Barcelos, em 1872, provavelmente antes de ir frequentar a Academia. Possui igualmente, dos seus primeiros contactos com a vida popular da cidade do Porto, um documento etnográfico interessante: uma aguarela fixando uma ovarina.

Curso completo de Belas Artes: distinções e prémios pecuniários em todos ou quase todos os anos, menções honrosas. Um dos primeiros sempre. Aluno dócil, porém personalidade artística livre.

Entretanto, de Barcelos seu pai é transferido para Guimarães. Aqui pinta Henrique o seu primeiro óleo conhecido: o célebre castelo, berço do reino de Portugal. Pintura ingénua mas cheia de promessas (de 15-9-1873 precisamente, segundo a data posta no verso da tela).

De Guimarães, vem o pai, agora juiz de Direito, para a minha terra, Olhão, no litoral-sul do lumi-

noso Algarve. E aqui virá Henrique, por quatro vezes, de 1875 a 1879, a passar os meses das férias grandes, pintando e desenhando. Tenho um desses desenhos — o retrato da sua referida irmã, minha sogra, assinado e datado de 1877; e no Ateneu Comercial do Porto se patenteia na galeria superior do átrio um óleo seu, datado de *Olhão*, 1878, retrato em corpo inteiro, porém metade do natural, de um moço pescador que eu ainda conheci, velho já.

De todo o período académico de Pousão se guardam no Porto esboços vários, desenhos e pinturas, do natural ou cópias, nos quais, segundo me disse o Prof. Dr. Abel Salazar, eminente crítico de Arte, pintor também e profundo conhecedor e admirador da obra de Pousão, se marcam já, patentemente, os traços do seu ingénito impressionismo, em contraste com o academismo, o rotineirismo, e mesmo o realismo ou outras novidades importadas, dos seus mestres ou condiscípulos. Sobretudo o fenómeno fundamental da vibração da luz se assinalaria desde então já.

Impressionista-nato, com o impressionismo no seu sangue, na mesma época do seu surto em França, parece todavia que, segundo a comprovação do Dr. Manuel de Figueiredo, ilustre conservador do Museu Nacional de Soares dos Reis



Retrato de D. Maria do Carmo
irmã do artista, a lápis Faber

(cartão oval 0,27×0,21)



Fotografia de Henrique Pousão
em 1878



Senhora vestida de preto

(óleo sobre madeira 0,285×0,180)

e profundo conhecedor e admirador da obra de Pousão, não deixariam de ter exercido sobre ele decisiva influência libertadora as novidades pictóricas dos quadros do pensionista Marques de Oliveira, cujos envios de Paris lhe servem de estudo e incitamento: os impulsos que em si Pousão sentia, achava-os confortados e por assim dizer sancionados diante desta revelação. Mas, se não fora já *impressionista*, por temperamento, como se poderia tê-lo tornado tão de súbito, e sobretudo tão espontânea e visceralmente? (Goethe tinha razão: «Tu és igual ao espírito que tu compreendes»!... Jesus tinha razão: «Tu não me procurarías se me não tivesses encontrado»!)

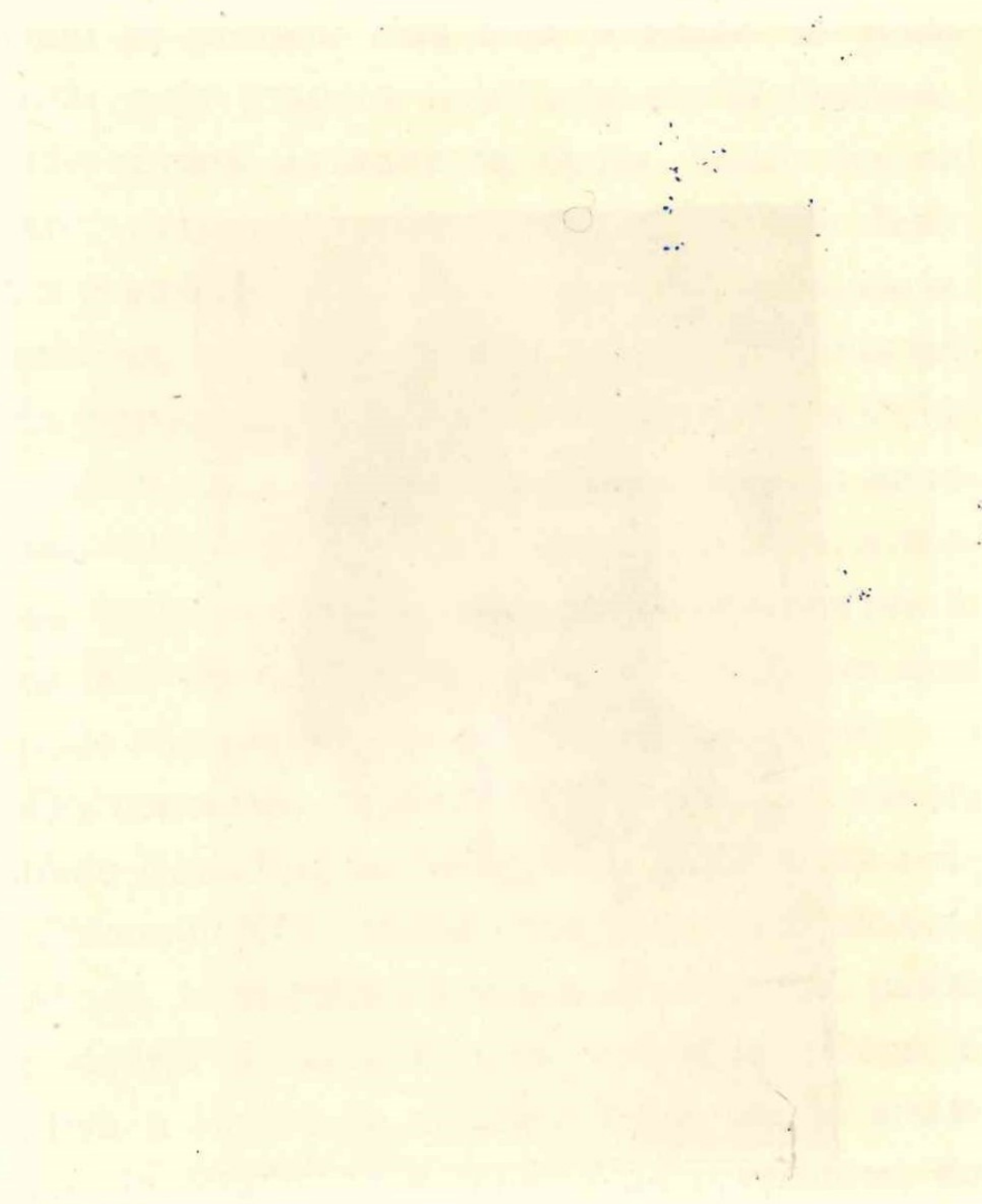
Terminados os estudos, vem Pousão a Odemira, para onde o pai fora transferido. Enquanto espera a pecuniária oportunidade paterna de poder seguir para o Porto, a preparar-se para o concurso de pensionista no Estrangeiro, desenha e pinta, sempre. Um dia é um mendigo — mendigo «absoluto», diria o vosso eminente Ortega y Gasset, — um mendigo tonto mas inofensivo — o *Lapita* — que ele, no pátio da casa manda encostar à parede, còmicamente indumentado de sobrecasaca e chapéu alto, e pinta, da janela alta fronteira... Outro dia vai desenhá a barca da travessia no rio (desenho feito rapidamente — dez ou quinze minutos

— segundo me contou um homem dali que se recordava do acontecimento local...), desenho cujo original se perdeu, mas cuja precisão se pode admirar pela gravura publicada em *O Ocidente*, grande revista ilustrada da época. Outro dia, ou melhor, outra noite, aborrecido..., pinta ou desenha a cozinha da casa, com os pratos, o almofariz, as cebolas, etc.; e outra noite também — conta-me ainda minha sogra —, ao serão, quando a velha *tia Colecta*, que se esquivava sempre, vinha entre portas, dando as habituais «santas noites», a sua retina fixou-a, e em poucos minutos debuxou a maravilha de depuração, fidelidade e finura que se pode admirar na reprodução que eis aqui.

Do concurso, vencendo outro grande pintor, António Ramalho, segue a Paris, endereçado academicamente a Cabanel e Yvon, mestres da técnica, se não já da estética da época. Mas na ida, passa por Madrid e, dois ou três dias pelo menos, é positiva a sua visita atenta e demorada às maravilhas do Prado. Que mundo de revelações, de considerações, de estímulos, de achados diante de Velásquez, de Rubens, de Goya... de todos! (A sua primeira paixão fora Rubens, conhecido de gravuras; um *chapéu à Rubens* lhe trouxera de Lisboa um amigo do pai; vestido *à Rubens* o surpreendera um dia o pai, em Elvas, diante de



Retrato da «tia Colecta»
a lápis Faber, feito em Odemira,
assinado e datado de 21-11-1879
(metade do original)



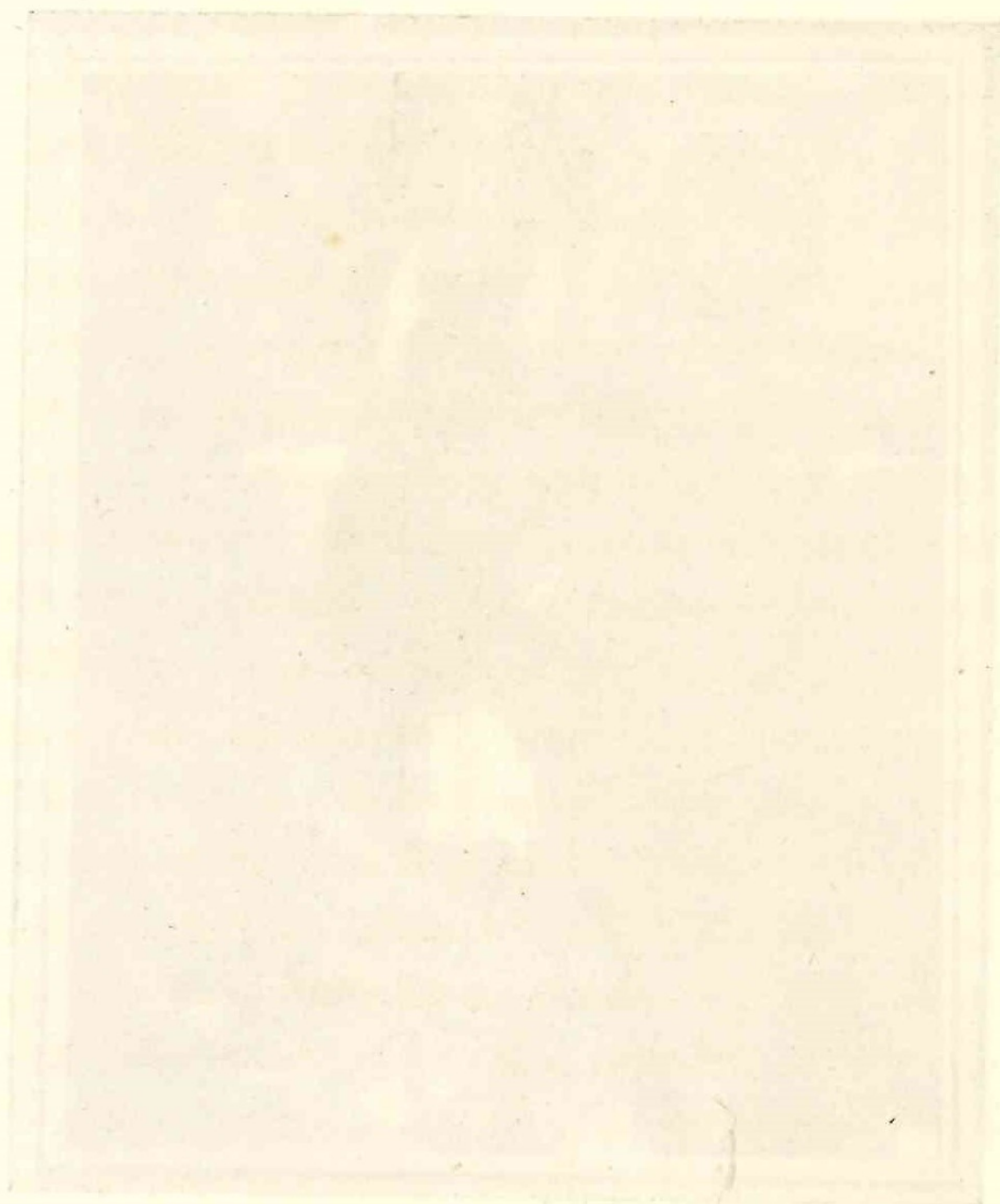
THE
LIBRARY
OF THE
MUSEUM
OF
ART
AND
ARCHAEOLOGY
OF
THE
UNIVERSITY
OF
CAMBRIDGE
1871



Cabeça de burro

Prova de concurso para o pensionato no estrangeiro,
assinado e datado do Porto, 10-7-1880

(óleo sobre tela 0,730×0,595)



Exemplar de livro
Fornecido de acordo com o processo de aquisição
assinado e datado de 10-7-1980
Almo sobre tela 0,15x0,30

um espelho a desenhar o auto-retrato; «meu pequenino Rubens» lhe chamara o poeta Simões Dias numa poesia para o álbum do pai...)

Assim, quando entra em Paris, e, dócil aluno, se sujeita ao ensino de Mrs. Cabanel e Yvon, pensar-se-á o que levaria já dentro de si e por que lado lhe poderia ser frutífera tal aprendizagem. Pelos envios desse breve ano de Paris se poderá marcar o seu progresso académico. Mas Paris tem o Louvre, o Luxemburgo, e tinha então a atmosfera intensa da revolução pictórica essencial do modernismo nos seus alvares. Nada se sabe de contactos pessoais entre Pousão e os grandes mestres desse movimento. Pousão era, de resto, tímido e discreto. Sabe-se, todavia, que nesse inverno de 80-81, trabalhara intensamente para o concurso de admissão à Escola das Belas Artes, ficando o n.º 35 entre os 70 eleitos, depois de, numa prova de atelier, ter sido classificado primeiro desenhador.

Um resfriamento, numa manhã em que saíra a pintar no campo um efeito de neve, dá-lhe uma bronquite. E de uma carta a meu sogro, seu futuro cunhado, consta que em Agosto de 81 se encontrava em Bourbon-le-les-Bains (Puy-de-Dôme) para onde fora obrigado a vir tomar as águas havia dois meses, estando agora quase bom. Voltaria a

Paris no fim desse mês, demorando-se alguns dias em Clermont; mas já previa que teria de deixar Paris no próximo inverno, por lhe ser «muito prejudicial presentemente», sendo natural que «vá para Roma ou Nápoles».

Efectivamente, com grande pena de deixar Paris «esta linda cidade que ri sempre» — como ele diz em carta a um amigo, — parte para Roma em Dezembro, com curta demora em Turim e Pisa. Em Roma, trabalho intenso nesse inverno e na primavera — (a sua maravilhosa *Cecília* é de Março). Porém, periclitante sempre, vamos encontrá-lo em Agosto em Anacapri; e Capri, Nápoles e Pompeia foram-lhe refúgio saudável pelo resto do ano, pintando-lhes os luminosos aspectos, arriscando-se até perto do Vesúvio. Aqui o temos mesmo, em corpo inteiro, fotografado em Nápoles, neste verão de 82, com os seus apetrechos de pintor, em excursão ao campo... Em começos de 83 ei-lo porém de volta a Roma, onde agora, trabalhando sempre intensamente, se trava de conhecimento e amizade com o pintor espanhol Pradilla, de quem, no dizer dum companheiro, «recebeu conselhos e elogios».

Os envios académicos continuam de Roma: nos do ano anterior sobressaíra a *Cecília*; nos de agora destaca-se o quadro *Esperando o Sucesso*,



Desenho à pena, a tinta azul-negra
datado de Roma, 1881

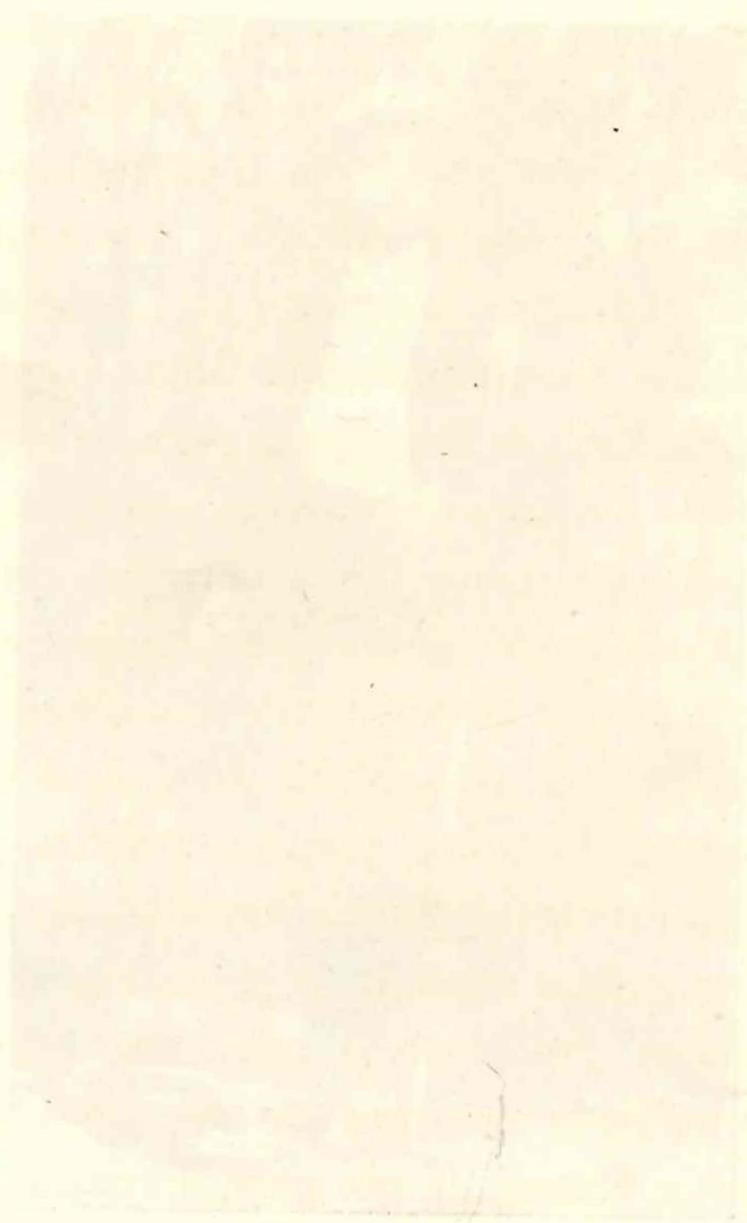


Cabeça de rapaz napolitano — Roma, 1882

(óleo sobre madeira 0,430×0,330)



Henrique Pousão em Nápoles,
no verão de 1882



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
1910

que o seu antigo mestre Tadeu Furtado, em carta particular, lhe elogia por esta forma: «É um encanto pela naturalidade da expressão e da posição, pelo seu lindo colorido; é um estudo de satisfazer o mais exigente». Pousão cumpria a sua obrigação de pensionista com a escrupulosidade do seu carácter dócil e íntegro — modestíssimo, bom, afável, feminino; porém, *à côté*, desenhava e pintava para si, livremente, por pintar, com a pintura ou o desenho por fim, pintor puro, desenhador puro, a cujo purismo intrínseco qualquer tema serve — «para ele nunca havia falta de assunto», segundo a afirmação geral dos condiscípulos — porque tudo acolhe e transfigura com o englobá-lo no mundo da sua arte. Nada para ele é fútil. E assim é que, ao lado dos quadros grandes e célebres que no excelente Museu Nacional de Soares dos Reis se podem admirar hoje na sua magnificência — (além dos dois já referidos, essa viva maravilha mediterrânea que são *As casas brancas de Capri* —, e outros, de normais dimensões, onde os talentos do grande discípulo se comprovam soberanamente), — surgem ali, algumas sem moldura inútilmente valorizante, tábuas singelas, de vários tamanhos, mais ou menos minúsculas, apontamentos rápidos, meros esboços, de nenhum interesse pelo assunto, porém de todo o interesse pela

sua intrínseca factura. Sobretudo, a meu ver — (na minha incompetência só pode dominar a emoção estética do meu gosto) — culminariam as oito tábuas irmãs com aspectos de Capri, sem excluir, bem entendido, as «duas telas excepcionais: *Casa de persianas azuis*, n.º 114, e *Uma descida de Anacapri*, n.º 432» nas quais — segundo a observação justíssima do competente Dr. Manuel de Figueiredo — «o pintor usou de processos seus, para além do que aprendera», pois nestas duas telas «em que a luz foi vencida, em que a cor perdeu todos os seus valores para ser apenas irradiante e fluida» estaria «todo o seu poder de simplificação e de síntese».

Como nestas duas telas, nas oito tabuinhas que prefiro, se não está, certamente, todo o Pousão, está, bem o sinto, o melhor de Pousão: uma frescura eterna, um desenho firme e subtil até à minúcia desejada, uma luz vibrátil como nenhuma, um *plein air* inimitável, um cromatismo de realce incomparável e de incomparável harmonia, sem esquecer também as sombras mais naturalmente azuis de todo o Impressionismo. E tudo isto enquadrado em singelas vistas de rua ou de ruela, em recantos de jardim ou terraço florido, em trechos de panorama campesino, urbano ou sub-urbano. Ausência completa de *vérismo* ou drama-



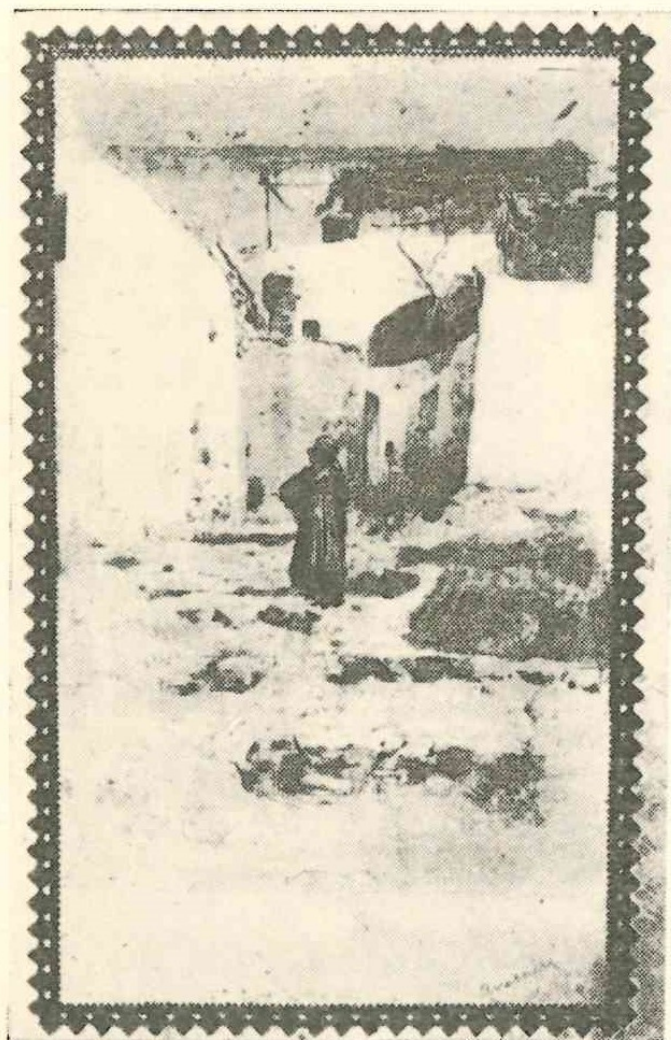
Escadas de Capri (1882)

(óleo sobre madeira 0,365x0,160)



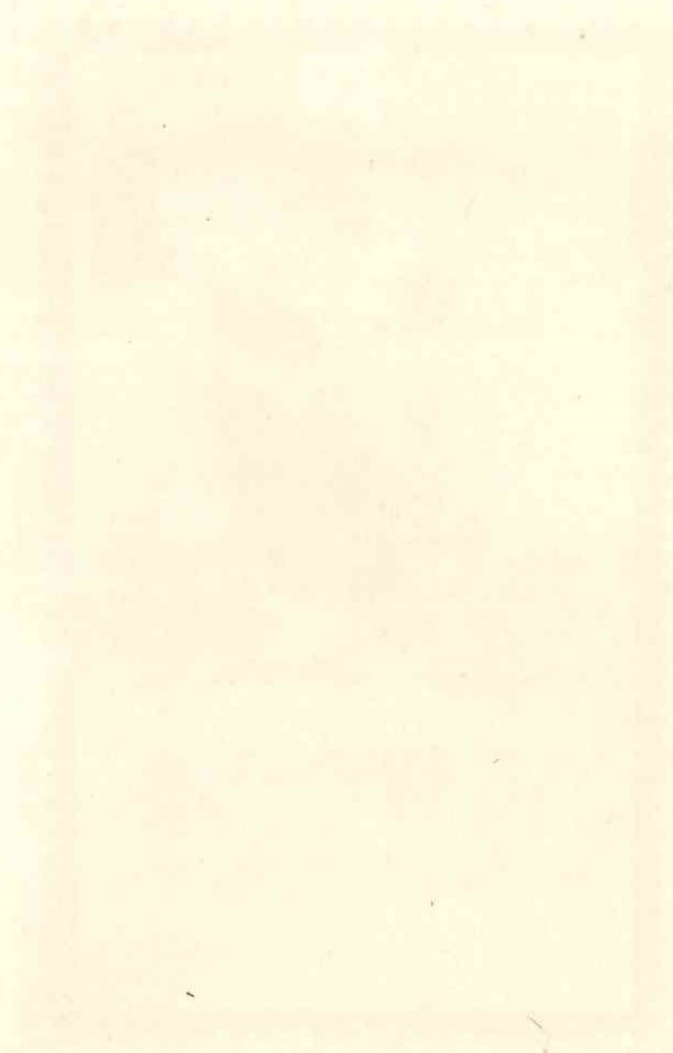
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY OF THE DIVISION OF THE PHYSICAL SCIENCES



Um recanto em Anacapri
Desenho a lápis Faber

(em cartão 0,21×0,12)





Mulher da água

(óleo sobre tela 1,455×1,338)

tismo de tema para fazer passar *la camelote*... Não! Meio século antes do banho depurador do cubismo e do purismo, seu filho maior, uma pintura depurada e puríssima, *sin trampa ninguna*, sem necessidade de convenção de nenhuma espécie.

Se a sua arte do desenho — a lápis ou à pena — bastaria a exemplificá-la soberanamente o retrato da *tia Colecta*, pode-se todavia constatar a que ponto de depuração a sua finura chegara, com o documento que é este *recanto de Anacapri*, a lápis, conservado num álbum de família, como a sua firmeza se firmara nesse e noutros desenhos do último período.

De Roma, pela saúde agravada, voltara Pousão, logo alguns meses depois, para Capri, em cujos dias desse verão de 83 se teria dado a eclosão magnífica referida que marcava na sua evolução artística «uma nova fase, a mais pessoal e ousada» (Dr. Manuel de Figueiredo).

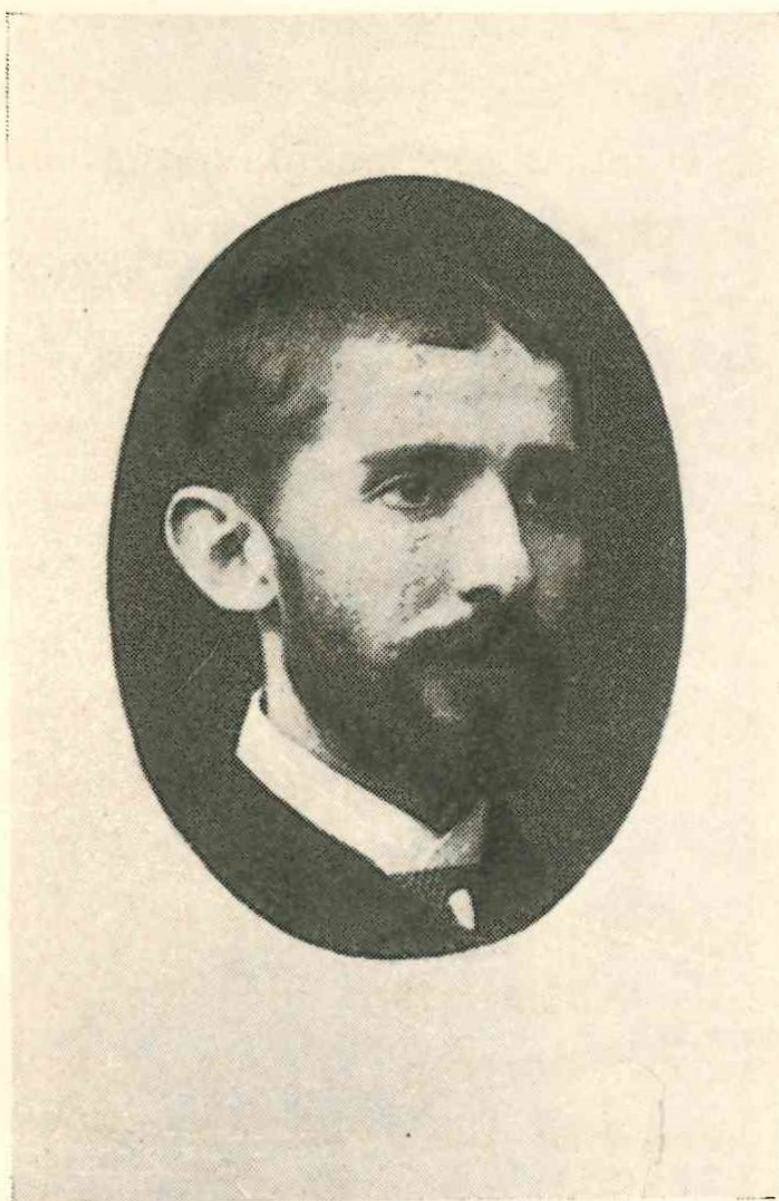
Porém, apesar do sol divino da costa itálica, a tísica não perdoava. Sentindo definhar-se, com o outono, escreve ao pai a noticiar-lhe que os médicos italianos, após vários tratamentos infrutíferos, lhe haviam aconselhado «ares pátrios».

Recebe o pai a carta em Olhão, aonde viera de visita à filha mais velha Maria Helena, que ali casara — (já mãe do que será o grande e estranho

poeta João Lúcio que dedicará o seu primeiro livro, *Descendo*, com a poesia de abertura, à alma de seu tio). E aqui em Olhão espera o juiz Pousão o filho, que voltava na doce ilusão de se retemperar, simplesmente, e tornar à Itália onde deixava, por sinal, parte dos seus pincéis e tintas. E veio, em demorada e fatigante viagem, porém trabalhando sempre, pintando sempre, como o comprovam as pequeninas tábuas do Museu do Porto, documentando o itinerário: Sorrento, Castellamare, Nápoles, Roma, Génova, Marselha, Barcelona, Valência, Sevilha, Huelva, Ayamonte, Vila Real de Santo António e Olhão... onde finalmente chegou nos últimos dias de Outubro, «tísico de todo», segundo a irmã Helena confidenciou o facultativo local por quem ela o fizera examinar.

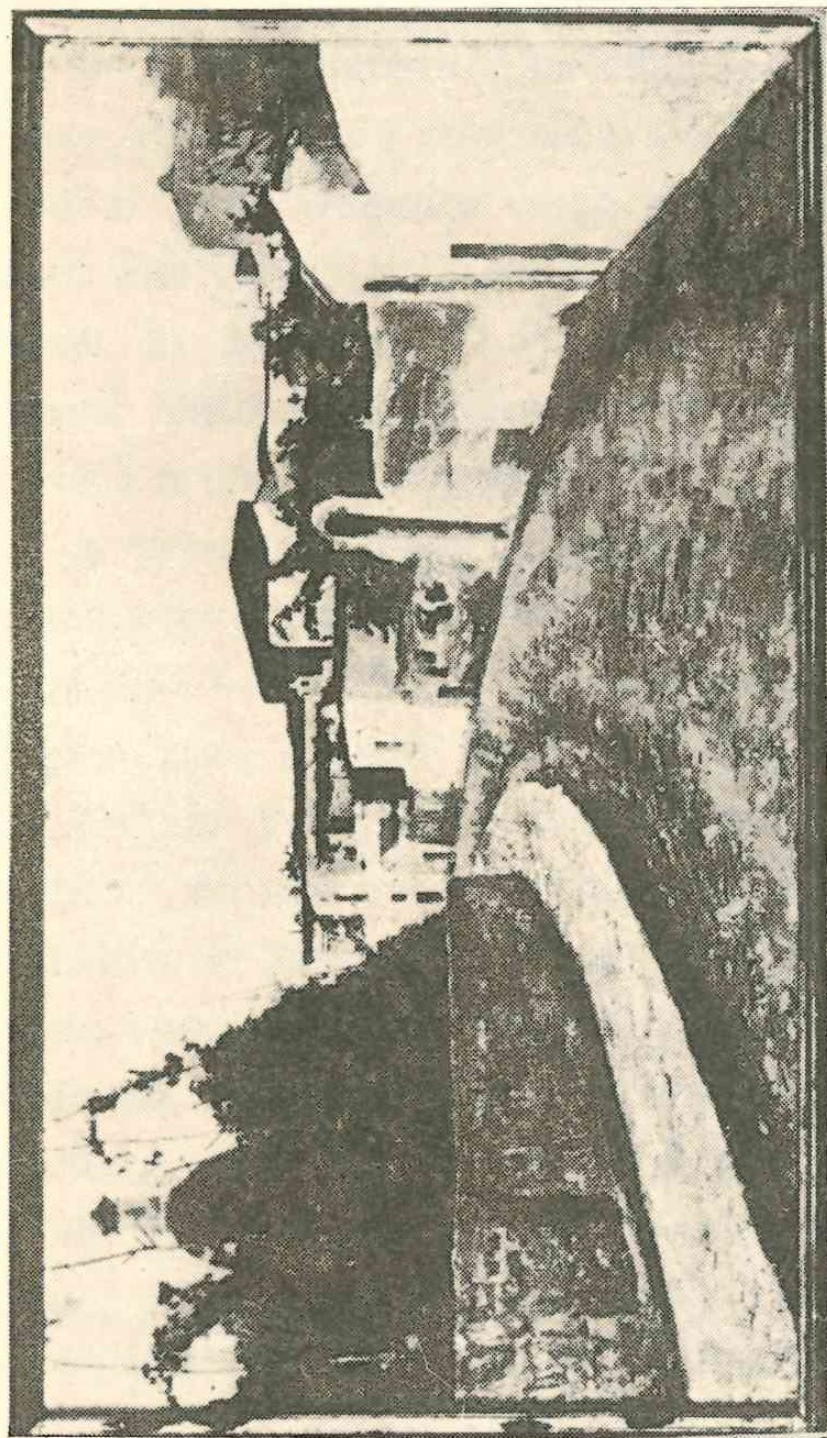
(Destaco a pinturinha feita em Barcelona: um aspecto do cais, pelo interesse documentário que possa ter para os espanhóis. E, uma outra, um enigmático pátio, que por certo não será lusitano, talvez que à ida, mais possivelmente que à volta, houvesse retratado algum aspecto de casa espanhola...).

Conservo, por dádiva de minha sogra, um dos quadros que Pousão trazia e que lhe dera como recordação, aqui em Olhão, aonde Carmo viera



Fotografia de Henrique Pousão em 1883





Volta de estrada em Capri

(óleo sobre tela 0,71 x 0,40)

acompanhando o pai: é *uma volta de estrada em Capri*, trabalho talvez inacabado. Aqui o reproduzo, absolutamente inédito que está ainda.

De Olhão, decerto por conselho clínico, Henrique, regressando com o pai e a irmã Carmo, que voltam para Odemira, separa-se deles, seguindo para Vila Viçosa, onde sua madrinha e tia «política» (irmã da madrasta de Henrique), esposa do seu primo Matroco, o acolhe e trata carinhosamente. E será o final da tragédia...

A princípio, cheio de esperanças, ainda conta, a seu primo Matroco filho, as suas aventuras em França e Itália, e sai a passeio, tentando ir pintar à tapada do Palácio Ducal... Depois, faltando-lhe as forças, limita-se à casa: pinta, um dia, um aspecto do quintal, óleo minúsculo que se pode admirar no Museu do Porto (e cuja identificação pude comprovar *in loco*, com o testemunho de vizinhos, estando o aspecto hoje modificado em parte...). Por fim, já não podendo sair do leito — na sala arejada do primeiro andar —, ainda pinta, pinta sempre. Era Março. Uma hemoptise o surpreende e o aterra: «Estarei eu tuberculoso?» — pergunta ele ingenuamente ao Dr. Jardim — na véspera ou ante-véspera do final. Passada a hemoptise, porém, pede flores, — as flores do quintal-jardim, precursoras primaveris — : quer

pintar uma recordação para o seu médico amigo...
Mas a morte não o deixa terminar...

Caia-lhe o pincel desfeito em flores!...

na expressão enternecida com que finda a poesia que seu pai, um ano depois, dedicava à sua querida memória.

Henrique Pousão faleceu, assim, às nove horas e meia da noite de 20 de Março de 1884 — segundo reza a certidão de óbito que mandei tirar.

Morto o artista e sepultado sem pompas o seu triste cadáver no cemitério da freguesia; confundidos hoje os seus ossos na trasladação geral de anos depois, em que ninguém, nem da família ausente ou defunta já, nem dos parentes mais próximos pôde intervir prevenindo o inglório destino dos seus despojos mortais, — um simples estudante de belas-artes, pintor *in herbis*, o teriam naturalmente considerado ali, os que o haviam conhecido, na sua vila natal, onde, todavia, a todos deixara pena —; seu pai, consciente do génio do filho defunto, e que carinhosamente compilou quantos informes, da notícia e da crítica, pôde conhecer, fez recolher toda a produção dispersa que não se encontrava na Academia do Porto ou em mãos ignotas de amigos ou condiscípulos.

Vindo por fim para Faro — (em cujo decreto de transferência encontro que, além da comenda de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e respectivo colar (que levou para o túmulo) com que D. Pedro V o agraciara, era também cavaleiro da Real Ordem de Carlos III de Espanha) —, o juiz Pousão tinha em sua casa (contou-me minha sogra) um verdadeiro museu: uma sala com as quatro paredes cobertas de quadros e desenhos do seu glorioso e saudoso filho. Por sua morte, e segundo sua disposição, tudo isso foi entregue à Academia do Porto.

Por alguns decénios esquecido ou confundido com a vulgaridade e o bric-à-brac do museu-arrecadação que era o Ateneu fundado por D. Pedro IV na sua cidade querida, instalado na húmida galeria que fôra o refeitório dum convento franciscano — conforme ainda ultimamente o recordava e descrevia, em comemoração do sessentenário do falecimento do genial artista, o eminente escultor e escritor Diogo de Macedo, actual director do Museu de Arte Contemporânea, de Lisboa, — Henrique Pousão, devido à devotada campanha de imprensa, de há poucos anos, por parte dos Drs. Joaquim Madureira e Abel Salazar, e ao cuidado carinhoso do Dr. Vasco Valente, actual director do Museu Nacional de Soares dos Reis, acabou

por ser posto no devido lugar de honra e nas excelentes condições de exposição que caracterizam hoje o recheio do Palácio dos Carrancas, provido do que manda a moderna museologia, conforme ainda últimamente o constatava um crítico visitante, competente e independente.

A tradição do valor de Pousão não se perdera todavia: em Coimbra o ilustre Dr. «Quim» Martins chamara para ele a atenção do sobrinho João Lúcio e do seu condiscípulo poético, o Dr. Celestino David, que assim se tornaria um dos mais devotados e activos propugnadores da merecida reivindicação.

Hoje, quantos se detêm perante os seus trabalhos são unânimes em reconhecer em Pousão, não o discípulo esperançoso que a morte impediu de fazer a obra prima que consigo levou para o túmulo, mas um artista consumado, pintor e desenhador, nato, auto-didacta sempre, que das Academias assimilou o que elas podem ensinar, mantendo porém sempre, sem revoltas vãs, antes com soberana placidez natural, a par das concessões indispensáveis, a evolução progressiva da sua personalidade incomparável. E a ninguém cessa, assim, naturalmente de acudir a pergunta fatal: quem, entre os 20 e 25 anos, se revelara um Mestre tal, com uma obra relativamente tão numerosa (mais

de cem quadros a óleo, dezenas de desenhos) e decididamente tão genialmente marcada, — que teria podido fazer?! se... a Parca terrível e fatalíssima o tivesse permitido.

Pelo conjunto da sua obra, Pousão não surge apenas como o *rei dos Impressionistas*. Pintor e desenhador clássico integral o poderíamos dizer. A pintura é una; porém várias são as suas vias de acesso. Em Pousão várias se encontram, praticadas e prosseguidas. E' um pintor verdadeiro, um dos maiores e dos melhores que têm vindo ao mundo: da linhagem de Rubens, de Velásquez, do Greco, de Goya, dos mais altos!...

O depoimento de algumas competências justificará a minha exaltação, possivelmente desorbitada...

Pousão «dispunha duma energia de desenho que poderemos considerar quasi única entre os nossos pintores. E essa firmeza linear e construtiva não dava rigidez alguma à sua pintura, antes esta conservava — ou melhor conquistava — uma fluidez de contornos da mais preclara qualidade, não se falando já na espontânea frescura da côr e na franqueza da pincelada». — ADRIANO DE GUSMÃO, na *Seara Nova*, n.º 884, de 22 de Julho de 1944.

«Poucos artistas, mesmo entre os nossos mestres, desenhavam com a justeza, a precisão fluente, a elegância de Pousão. Nenhuma secura nem *gaucherie*; nenhuma pretensão académica, nenhuma petulância, nem afecta-

ções; nenhum carácter de desenho "professoral", como em Ingres; nenhum chiquismo, como em Fragonard; nenhum rebusque, como em Lancret. Nenhuma hipertrofia, como em Rubens; nenhum delírio, como em Delacroix: — mas uma naturalidade cheia de graça fluente; como em Velazquez essa naturalidade é cheia de hierática nobreza. As suas figurinhas têm uma elegância florentina, de uma espiritualidade rara, em que o animalismo e o espiritualismo convergem numa manifestação de vida lírica e juvenil, e em que o enigma da mulher é expresso em ritmos ácidos, mas com a fluência cantante de uma virginal manhã em apoteose de orvalho.» — ABEL SALAZAR.

«Esta virtude do desenho de Pousão é um dos seus encantos que só se descobre diante das próprias telas. Quando apenas se conhecem os seus quadros através de fotografias, não deixa de surgir em nós a interrogação: como consegue Pousão ser impressionista com um desenho tão bem construído?

«A resposta é dada pela sua obra e da forma mais original. A arte de Pousão dá o raro exemplo, por imediato, duma síntese entre duas antagónicas visões pinturescas, no momento preciso em que a oscilação das opiniões apaixonadas tornava instável o fiel da balança na pintura europeia.» — A. DE GUSMÃO, *ib.*

«Este equilíbrio entre a *qualidade*, a *luminosidade* e a *côr*; este equilíbrio entre a divisão do tom e a técnica antiga; entre o emprego excessivo e sistemático das complementares e os processos habituais; este equilíbrio, em suma, entre a visão plástica e a visão impressionista, demasiado polémica nos seus inícios, aparece surpreen-

dentemente na obra do ilustre alentejano. E' mesmo uma das suas características mais impressionantes.»

«Depois, um técnico consumado, um técnico não de receitas e de trucs mas de instinto. Sua pincelada directa, vibrante, franca e luminosa, é como um teclado manejado por mãos de fada (...), e a sinfonia vigorosa do colorido musical faz-se por vezes à custa de vibrações azuis e verdes, de notas que se entrechocam ácidas e luminosas, que se fundem, no entanto, em desconcertantes harmonias.

«Nas telas de Monet, o colorido é muitas vezes duro (...). Por vezes Monet tortura-se (...): as côres gritam, discordes, e a sensibilidade arrepia-se. Em Sisley existe um harmonismo lírico como em Pousão, mas sem a sua força, o seu cantante vigor sinfónico (...). E quanto a Pissarro está a tal distância que não vale a pena, nem se pode estabelecer comparação».

«Qualquer que seja o valor de Pousão e o lugar que a história lhe venha a marcar, ele é o único dos pintores portugueses que não é simples eco de um movimento estranho, simples seguidor de escola, mas um criador.»

«Pousão é o único pintor português inteiramente original; isto num país onde as mais ilustres figuras da pintura são apenas o eco tardio e distante de correntes de arte já definidas no estrangeiro. Não quero com isto amesquinhar o valor destes artistas (...). Para me não referir senão aos mais recentes e ilustres, bastará citar o seguinte: Silva Porto é o seguidor de uma corrente bem conhecida e bem definida, de que Daubigny, seu mestre, é um dos expoentes. Sousa Pinto imita Bastien-Lepage (...) Artur Loureiro seguiu na sua obra humildemente cor-

rentes análogas da pintura do seu tempo. Carlos Reis (...), o seu «sorollismo» é tão evidente que qualquer amator o pode descobrir. Columbano é um imitador de Decamps (...); a arte de Columbano, nem como concepção, nem como realização, nem como «maneira», nada tem de original, o que não significa, claro é, que não tenha encanto e valor. A maneira de Malhoa, o mais português dos modernos pintores, é igualmente idêntica à de inúmeros pintores estrangeiros que definem certas correntes do chamado «ar livre». E o mesmo se pode dizer de Constantino Fernandes, Sousa Lopes, João Augusto Ribeiro, Veloso Salgado, etc. E o mesmo se pode dizer ainda dos mais recentes. Henrique Medina, por exemplo, é um imitador servil de Lazló (...); e outros moços artistas dos tempos de hoje seguem tímidamente as variadas correntes em fluxo no estrangeiro. Cubismo, futurismo, cezanismo, simbolismo, neoprimitivismo, neoarcaísmo, etc., etc., ou não têm entre nós ainda representantes, ou têm-nos tímidos e balbuciantes.

«E não quero dar um salto ao passado, e falar dos primitivos portugueses, os quais, apesar do alto valor de alguns, e do grande significado da sua obra, não são também mais do que ecos de correntes artísticas nascidas e criadas lá fora: nenhum historiador de arte pode desconhecer este facto. — A. SALAZAR.

A «frase do Director do Museu de Marselha que, ao entrar na sala Pousão do Museu S. dos Reis, exclamou: ...*Mais c'est le Roi des Impressionistes*» — «esta afirmação é exagerada; este título só a história o poderá conceder, e é possível que

ela o outorgue a Whistler e Puvis de Chavannes.»
(A. Salazar).

Em particular, «Pousão viria a ser, se a morte o não tivesse ceifado tão cedo, o mais preciso, o mais elegante e o mais apaixonado dos nossos retratistas da mulher; e talvez o malogrado pintor viesse a ser o nosso Whistler» (id.).

A estes recortes do profundo estudo que o Dr. Abel Salazar dedicou a *Henrique Pousão moço pintor alentejano e do seu lugar de destaque no impressionismo europeu* (in *O Diabo*, n.º 141 a 149, de 7-III a 7-V de 1937), onde analisa, com minúcia, sagacidade e competência toda a obra do genial artista, — estudo fundamental na matéria —, adicionemos estes outros da *Nota de arte* que mais recentemente (in *Ocidente*, n.º 73 — Maio, 1934) consagrava a Henrique Pousão o actual director do Museu de Arte Contemporânea, Diogo de Macedo, para quem «a obra de Henrique Pousão fora a mais perturbante revelação» do seu tempo de estudante no Porto, que o fizera «um embeijado do seu génio», adorando, «cada dia com a maior e mais firme intensidade», «aquele retrato de *Cecília*» :

«Conhecendo menos mal a obra de Pousão, nunca peguei numa lente para lhe analisar a pigmentação ou os fradinhos da tela. Basta-me saber quanto é bela, expres-

siva e moderna entre as obras dos demais extraordinários camaradas do seu tempo. Obra pessoal, emotiva e quanto possível original num moço que a má sorte não deixou ir além dos prazos de estudante, hemos de reconhecer nela a influência dos meios em que a produziu, do período revolucionário dos Impressionistas de Paris, e muito particularmente dos pintores luminosos da Itália, naturalistas calmos e descontentes com o convencionalismo académico em que descambara a formidável tradição local. Nos museus desses dois países patenteiam-se as lições dessa época, que entre nós, com Silva Porto, Marques de Oliveira, Sousa Pinto, António Ramalho e depois com outros mestres, fizeram, por sua vez, a revolução da moderna pintura portuguesa (...).

«Não sei quem se lembrou de chamar àquele sensibílissimo artista o «precursor do Impressionismo francês». Apesar da precocidade do seu génio, não é caso para tais precipitações na crítica (...).

«Não furtemos nada ao génio de Pousão, mas também não o intriguemos com essas fantasias. Ele é suficientemente admirável e honesto, pujante de virtudes e virtuosismos, para o colocarmos em primeira plana na história da pintura portuguesa. Pousão, quanto a mim, foi o único pintor mediterrânico que tivemos. Com uma viril individualidade, adoçada pelas volúpias e enternecimentos da sua doença, que tornaram amenas e luminosas a sua visão e composição de paleta, procurou traduzir a natureza com a alegria dum helénico que deseja topar na arte a saúde que do corpo lhe fugia, aborrecendo os negrumes da sombra, amando o sol do ar livre com projecções de imprevistas tonalidades, e alimentando no

espírito a beleza da vida e da luz, que traiçoeira e rapidamente se lhes escapuliram da vista. O que convém sem perda de tempo nem complicações é desvendar aos portugueses um dos seus maiores pintores!»

Do estudo, a que já me referi, do Dr. Manuel de Figueiredo, recentissimamente publicado em separata (da Revista *Museu*): *O Pintor Henrique Pousão*, recorto ainda algumas frases significativas:

«Henrique Pousão nasceu estruturalmente pintor (...) Desta verdade a demonstração está feita em toda a sua obra, e muito especialmente, ainda naquelas telas apenas esboçadas em que o esboço apresenta já todas as qualidades de um quadro acabado, acrescido do encanto que lhe dá a espontaneidade, a facilidade da impressão achada e não rebuscada. E porque assim foi, Pousão pode ser considerado como um excepcional temperamento de pintor «impressionista», um dos maiores do seu tempo, dando à palavra «impressionismo» o mais amplo significado, ou seja, a decomposição da cor em planos diferenciais de valores cromáticos, por incidência perpendicular da luz, com abandono das regras clássicas dos volumes em luz e sombra, e das linhas contornantes nitidamente recortadas (...).

«Embora em Henrique Pousão não haja que determinar personalismos estranhos, deliberadamente procurados, pois que a obra do pintor se manteve, para honra sua, dentro de tendências gerais, certas influências mais

directas a tocam por vezes. Marques de Oliveira, ainda em Portugal; Manet, em França (...).

«Alentejano pelo nascimento e pelo sangue, (...) Pousão foi também, como pintor, um alentejano. As amplas perspectivas das largas planícies; os brancos e azuis — tanto do seu agrado — do céu e dos «montes» — (as casas dispersas pelos campos) —; as linhas direitas, nitidamente recortadas, geométricas, das construções, das amplas searas, das terras alqueivadas e até das próprias sombras das nuvens projectadas nas vastas campinas charruadas de fresco, desde menino educaram seus olhos, de fino e arguto visual, até surgirem mais tarde, da paleta e dos seus pincéis, em toda a pureza de colorido e desenho. Deste modo, e desde criança, seus olhos habituaram-se a simplificar a linha, o volume e a cor. E com o estudo e com os anos, essa simplificação natural, intrínseca no pintor, chegou a atingir, no céu cobalto e na luz intensa do Mediterrâneo, tão afim da do seu Alentejo e Algarve distantes — em trabalhos realizados especialmente em 1883, nos últimos meses passados em Capri — aquela luminosidade rara e fluida, e superior beleza de linhas e de planos, de tantos ambicionada e só atingida por alguns dos mais ousados mestres «impressionistas».

«Outra afirmação prévia se me afigura ainda essencial: Pousão viveu e morreu estudante. Assim, todos os seus trabalhos que não foram realizados sob a alçada directa dos mestres ou a estes destinados, como prova de bom aproveitamento escolar, realizou-os ele dentro da mais ampla liberdade, quer na escolha dos assuntos, quer na sua interpretação e realização pictórica (...).



Casas brancas de Capri, assinado e datado de *Capri (Anacapri)* 1882
(óleo sobre tela 0,705 × 1,405)

«Em 1883, Pousão não é já um estudante distinto, uma grande promessa, é, sim, um grande pintor, um grande artista por consagrar.»

Seja-me lícito, como algarvio, natural, morador e bem conhecedor da região olhanense onde Pousão veio por quatro vezes durante a sua vida intensa de estudante no Porto, e onde, de cada vez, permaneceu os três meses das «férias grandes» e onde é positivo que pintou, — e parece que pintou ainda também, mesmo nos poucos dias da passagem final para Vila Viçosa, — fazer uma observação, ou antes, exprimir o resultado de uma repetida experiência pessoal.

A primeira vez que vi no Porto o grande quadro de *As casas brancas de Capri*, fiquei perplexo, perguntando a mim próprio se aquilo não seria um trecho dos arredores de Olhão... : as mesmas casas alvíssimas e cubistas, as mesmas verdes piteiras que aqui tenho diante da porta, no valado do campo onde agora, por acaso, me encontro, o mesmo azulíssimo mar de certos dias intensos em que o céu é também assim como lá está!... Depois, diante das oito supremas táboas esguias de Capri, a luminosidade que lá vi, — pois não é, porventura, flagrantemente, a luminosidade vibrátil que inunda aqui tudo a certas horas e em certos dias de verão? Ah! — mas a cada momento, nas

minhas deambulações, relanceando os olhos, eu topo com aspectos retintos dos quadros de Pousão... Este *fin classicisme de l'Algarve* que um pintor moderno, post-cubista, aqui encontrou, julgo bem que, em linhas e côres, Pousão o levara daqui nos olhos, sobrepondo-o à maciszez alentejana e antepondo-o aos radiosos panoramas da *costa divina*... Pelo menos, para mim, isto é um facto: e o sortilégio renova-se a cada momento. Ainda ontem, aquele recanto que além está: um lanço alvíssimo de parede de escada, com um arco que uma verdura de parreira atravessa, na penumbra luminosa... — mas é um quadro de Pousão, em Capri!

.....

Uma exposição, devidamente demonstradora se prepara, ao que se diz, em Lisboa, em cujo Museu de Arte Contemporânea Pousão figura apenas por uma aguarela, única porém e de tal força, que se conta, e não é lenda, que Columbano, quando mostrava a alguém o quadrinho, dizia: «Este é daqueles que devem ser olhados com admiração!» (v. Celestino David — *Henrique Pousão, pintor alentejano* — Évora, 1943, pág. 30).

Oxalá Diogo de Macedo, o actual director, consiga esse *desideratum*, para o seu idolatrado Pousão.

De facto, «com essa exposição — merecida e necessária homenagem ao seu génio criador — ganhará o Pintor, tão certo será ele conquistar imediatamente o interesse do público, não mais se apagando da memória deste a rara visão desses quadros de mágica luz. E ganhará também o estudioso, por haver, então, a oportunidade de se fazer um demorado estudo da obra do Pintor — seguindo-se a curva da sua evolução e confrontando-se com os objectos à vista os primeiros resultados da crítica.» (Adriano de Gusmão, *ib.*)

Finalizarei emitindo um voto: é que esta exposição fosse seguida de outra, apresentando Pousão em Espanha.

Além-Pirinéus o grande público de há mais de meio século, já teve ensejo de admirar Pousão: no seu grande quadro *Cecília* que tivera a honra de ser admitido ao Salon de Paris, no próprio ano de 1882.

A influência de Pousão sobre os artistas portugueses dir-se-ia nula ou impossível, à primeira vista.

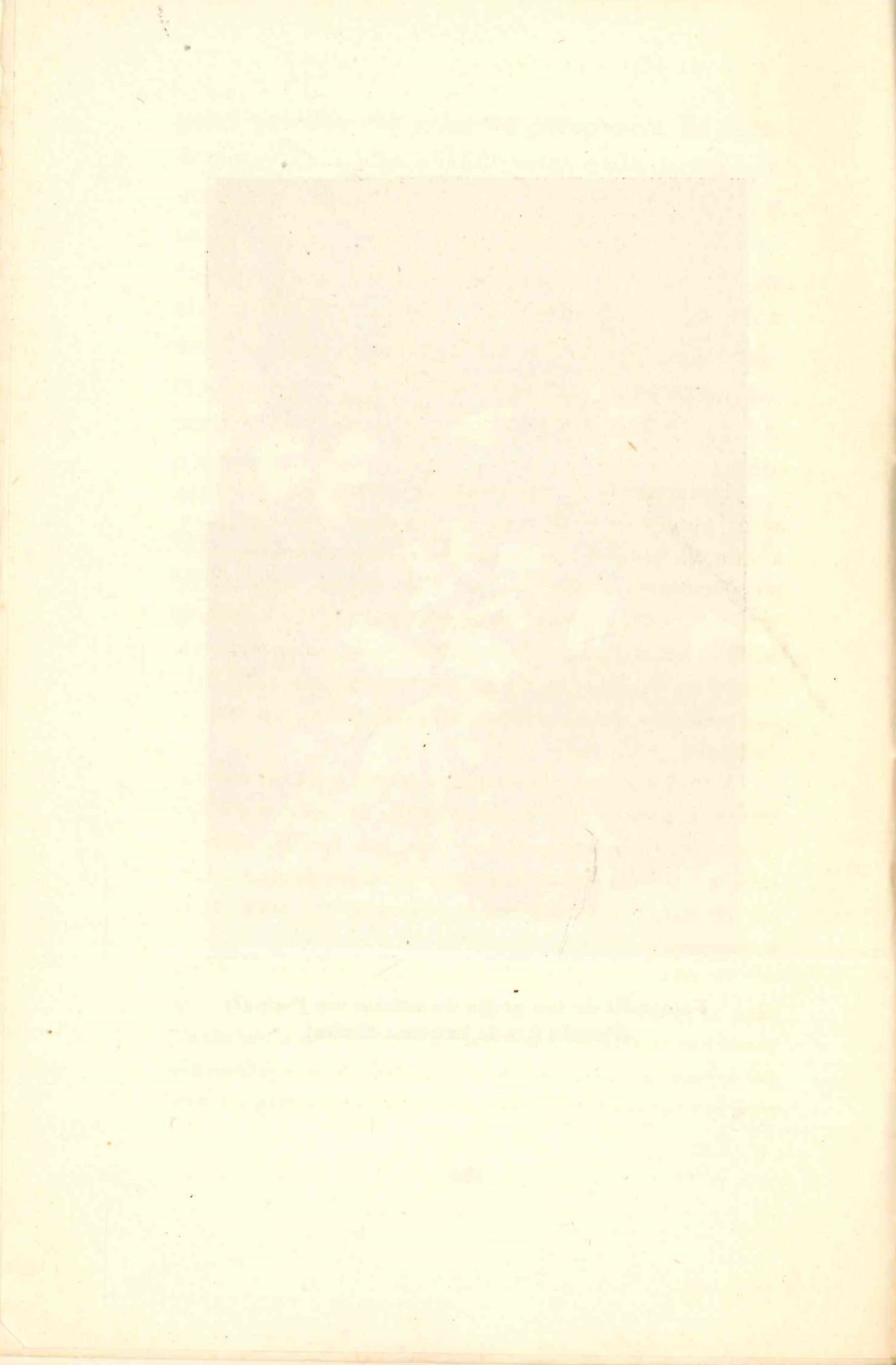
Se considerarmos porém que, embora em péssimas condições de exposição, os seus quadros e desenhos eram conhecidos e admirados, e que

pelas paredes das aulas de perspectiva da Academia, jaziam, algo abandonadas embora, mais de uma dúzia de aguarelas suas de tipos italianos, e na biblioteca da escola se guardava um álbum completo de desenhos seus, em que, por certo, os alunos da escola do Porto não estariam vedados de encontrar uma fonte de inspiração ou de imitação, propositada ou inconsciente, — tal influência perde o carácter de um mito. Pelo contrário: a positiva confissão do ilustre Diogo de Macedo deixa eloquentemente entrever uma importância mais real e mais eficaz, pelo menos sobre os artistas de formação nortenha, do que aquilo que se poderia supor.

Olhão (Algarve), 22 de Setembro de 1944.



Fotografia de um grupo de artistas em Paris (?)
(Pousão é o da extrema direita)



RESUMO

Aproveitando a oportunidade deste Congresso, o autor propõe-se nada mais que chamar a atenção para a obra do grande artista que foi Henrique Pousão, pintor português, alentejano, de Vila Viçosa, cuja curta vida (1859-1884), ceifada pela tuberculose, lhe não permitiu a eclosão das obras geniais que se estava em direito de esperar de quem, nos seus poucos anos, deixou uma obra tão abundante, tão excepcional, tão preñhe de futuro.

Artista original, desenhador e pintor puro, ao mesmo tempo impressionista e construtivo, os seus trabalhos impõem-se pela sua plástica, pela sua luminosidade e pelo seu cromatismo, — em suma, pelo seu perene carácter intrínseco que nobilita os assuntos, por mais fúteis que sejam.

Pousão quase desconhecido ainda no seu país, não o será menos, por certo, em Espanha, — salvo por parte dos raros conhecedores que hajam tido a fortuna de admirar, no Museu Soares dos Reis, do Porto, os seus principais quadros, perante os quais um especialista francês não

hesitou em classificar entusiasticamente Pousão de «le roi des Impressionistes!».

O autor (que pelo casamento se encontra ligado à família de Pousão) ilustra a sua breve memória com reproduções de alguns desenhos e quadros inéditos do artista, recolhidos de colecções privadas ou de álbuns da família.

NOTA

A comunicação apresentada ao Congresso ia acompanhada de 15 fotografias que aqui se reproduzem, correspondentemente intercaladas no texto.

Na presente publicação, aceitando-se uma sugestão do ilustre Diogo de Macedo, julgou-se interessante adicionar-lhes mais 6 reproduções de quadros (*Senhora vestida de preto, Cabeça de burro, Cabeça de rapaz napolitano, Escadas de Capri, Mulher da água, Casas brancas de Capri*), o inédito retrato desenhado por R. Amoedo e a fotografia, também inédita, do grupo em que Pousão figura.

A revelação deste último retrato poderá levar a identificação dos companheiros de Pousão, que se ignora quem sejam.

O retrato da *Senhora vestida de preto* intercalou-se em correspondência à data de Outubro de 1879, havendo as maiores probabilidades de ser o retrato de sua prima D. Francisca Matroco, que Henrique Pousão pintara naquela data em Vila Viçosa, na passagem de Olhão para Odemira.

F. F. L.

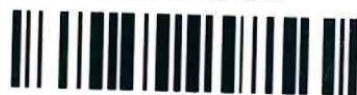
ÍNDICE DAS GRAVURAS

	Pág.
Retrato de Pousão, por R. Amoedo	6
O primeiro desenho conhecido	11
O segundo » »	13
Pousão, quando aluno em Elvas	17
Monumento em Vila Viçosa	19
Retrato da prima Adelaide.	21
Barcelos : aguarela	23
Mulher vendendo sardinhas	25
Retrato de D. Maria do Carmo	29
Henrique Pousão em 1878	31
Senhora vestida de preto	33
Retrato da tia «Colecta»	37
Cabeça de burro	39
Desenho à pena	43
Cabeça de rapaz napolitano	45
Henrique Pousão em 1882	47
Escadas de Capri.	51
Um recanto em Anacapri	53
Mulher da água	55
Henrique Pousão em 1883	59
Volta de estrada em Capri.	61
Casas brancas de Capri.	75
Henrique Pousão num grupo	81

Acabou de se imprimir em
Lisboa, na «Gráfica Lisbo-
nense», Rua da Rosa, duzen-
tos e trinta e oito, no ano
de mil novecentos e quarenta
e seis

Amesbury, N. H. 1870
J. W. Alden, Esq.
Care of the Rev. Mr. Alden,
Amesbury, N. H.
Dear Sir,
I have the honor to acknowledge
the receipt of your letter of the
10th inst. and in reply to inform
you that the same has been
forwarded to the proper
authorities for their consideration.
Very respectfully,
J. W. Alden

biblioteca
municipal
barcelos



4576

Breve memória sobre a vida e a
arte de Henrique Po